

eu creio,
MAS TENHO DÚVIDAS

A GRAÇA DE DEUS E NOSSAS frágeis CERTEZAS

RICARDO **gondim**

eu creio,
MAS TENHO DÚVIDAS

A GRAÇA DE DEUS E NOSSAS **frágeis** CERTEZAS



Editora Ultimato
Viçosa, MG

EU CREIO, MAS TENHO DÚVIDAS
Categoria: Espiritualidade / Liderança ? Vida cristã

Copyright © 2007 por Ricardo Gondim

Primeira edição: Junho de 2007
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Daniela Cabral
Capa: Panorâmica Com&Mkt

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Gondim, Ricardo, 1954-

G637e
2007 Eu creio, mas tenho dúvidas : a graça de Deus e nossas
frágeis certezas / Ricardo Gondim. – Viçosa, MG: Ultimato,
2007.
208p. ; 21 cm

ISBN 978-85-7779-

1. Fé e razão - Cristianismo. 2. Vida cristã. I. Título.

CDD. 22.ed. 261.51

PUBLICADO NO BRASIL COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

AELIANA HANNI
verdadeira mulher,
verdadeira missionária,
verdadeira amiga.
Sua vida me inspira.

SUMÁRIO

Prefácio	09
Introdução	11

PARTE UM

Deus é soberano	17
Desviado ou encaminhado na fé, eis a questão	28
Graça e liberdade	34
Maktub, Jonas e nosso papel na história	38
Pensamentos desalinhados sobre o mal	45
A história ainda não está pronta	48
O baile	56
O Deus empático	61
Um novo Pentecostes	71
Espírito Santo e Trindade	75
Tragédia e esperança	78

PARTE DOIS

Descobri que sou herege	83
Minhas incertezas	87
Meus medos	89
Meu inimigo	91
Meu tributo à vida	94
Para não ficar doido	97
Um pobre à beira do caminho	100
Não tenho tempo	102
Quero e não quero	104
Quero ser bom	107
Não quero desistir	109
Quero ser otimista	113
O “não” que pode, um dia, virar “sim”	116

PARTE 3

Cristo, as riquezas, o velho e o mar	121
Maldição	125
Batismo de sangue	127
Os bárbaros estão entre nós	131
O Brasil é uma grande Sodoma?	134
O silêncio dos inocentes	138
Eles morrem de fome e a igreja cresce	140
Ética e espiritualidade	142
A conspiração das competências	146
A bem-aventurança que ainda não alcancei	149
De que tipo de cristão o mundo precisa?	153

PARTE 4

A cultura pop chegou para ficar?	157
A ameaça do ímpio religioso	163
Existem outros modelos de espiritualidade	166
O valor da intuição na teologia	170
Alguns pensadores que me influenciam	176
Como aprendi a gostar de Dostoiévski	182
Clamor de um novo convertido	185
Pistas para uma espiritualidade libertadora	191
Carta aberta a um jovem	194
Profissionais da religião	198

PREFÁCIO

CAMINHO COM RICARDO GONDIM há sete anos. Com ele aprendi muitas coisas, entre elas: gostar de correr, apreciar um bom vinho, ler romances, não aceitar a teologia importada e enlatada, avaliar as loucuras que as igrejas brasileiras vêm criando nos últimos anos. Aprendi também a pensar e, se preciso for, repensar a fé.

Acompanho suas lutas e vejo de perto toda a agressão de alguns segmentos da igreja evangélica à sua teologia. Perguntas como: “Você está desviado?”, “Quando você voltará à verdade?”, ou exortações do tipo: “Cuidado, esse caminho é perigoso” tornaram-se comuns.

São críticas comuns, porém desnecessárias e infundadas. Vejo no Ricardo um homem inconformado com o evangelho da culpa que engana e aprisiona, diante do que ele não tem se omitido, antes tem usado sua voz e sua escrita como instrumentos de lucidez e libertação.

Este livro não é resultado de *uma* dúvida, nem um grito de rebeldia sem causa. As páginas que você tem em mãos são o resultado de trinta anos de serviço à Igreja do Senhor. São brados, gritos, lágrimas, gestos de amor que visam resgatar uma mensagem que tem sido deturpada e satirizada.

Aqui você encontrará um coração ardente por formar pessoas que amem a Deus por aquilo que ele é, não pelas coisas que ele pode fazer. Você será desafiado a viver com responsabilidade. A vida está aberta; ao lado de Deus você pode construir uma linda história. Encontrará também denúncia contra os abusos religiosos, contra a idolatria evangélica e outras insanidades de nossos tempos.

Não tenha medo de mudar suas idéias e repensar sua fé. Olhe firmemente para Jesus e siga em frente.

Parabéns à Editora Ultimato por mais este ousado lançamento. E obrigado, Ricardo Gondim, profeta da esperança.

Eu Creio, mas Tenho Dúvidas. Quem não as tem?

VILLY CAMARGO FOMIN

INTRODUÇÃO

LAMENTO TER redirecionado meus talentos da oralidade para a escrita. Antigamente eu falava muito e escrevia pouco. De uns tempos para cá, venho tentando concentrar meus pensamentos no texto. Ah, como isso me trouxe problemas!

Primeiramente, viquei-me. Agora não consigo mais dormir em paz. Todas as noites me deito ruminando idéias, concebendo metáforas, procurando dar vida a personagens, imaginando temas inéditos. Quando pareço contente, repentinamente sou atormentado por um espírito que vem do mundo onde habitam poetas, cronistas e romancistas. Esse misterioso ser me humilha, escancarrando minha mediocridade. Varo noites repetindo para mim mesmo que me contentaria de só engraxar os sapatos dos gênios da literatura.

Escrever tornou-se um problema para mim. Na dissertação, descobri como necessito ser exato na semântica. Escrevendo, percebi que não posso simplesmente despejar palavras no texto, pois isso não só o empobrece, como me condena a tornar-me inconstituente.

Nos tempos em que eu só falava, o dito ficava pelo não dito. Quando ousar redigir, noto que as palavras se

eternizam. Quantas vezes já fui consumido por não encontrar um vocábulo adequado, por não saber ordenar os pensamentos numa construção gramatical compreensível, por não manter os raciocínios límpidos. Em um artigo banal, preciso das lupas de um Sherlock para escolher a metáfora que transmita melhor o que me está camuflado na alma. Tenho algumas idéias que se mimetizam tão rapidamente que não consigo fazer o devido paralelo entre meus desassossegos e a redação.

Arrependo-me de ter aceitado o desafio de redigir porque acabei me expondo além do que devia. Em meus devaneios autobiográficos e nas minhas crônicas reais e fantasiosas, deixei-me comer por canibais anônimos; alguns ferozmente se aproveitaram de meus pequenos deslizes para me estraçalharem. Desde cedo eu havia aprendido que deveria manter o grande público do lado de fora dos meus jardins, quintais e, principalmente, de minha alma. Caramba!, deu errado. Já não sei escrever sem me derramar, sem me despejar em reminiscências, sem abrir minhas entranhas.

Arrependo-me de ter começado a escrever porque acordei para minhas muitas incoerências. No passado, quando articulava discursos, não ligava se me contradizia. Agora, consciente do que grafei, preciso manter a robustez dos pensamentos sobre Deus, sobre a vida, sobre o sofrimento humano. O texto corrige miopias, refina conjecturas e censura descuidos. Ele exige que o autor defenda suas idéias até às últimas conseqüências. Confesso sentir saudade da época em que fui menos criterioso e tagarelei diante de grandes auditórios sem que ninguém me cobrasse exatidão.

Arrependo-me de ter aliciado algumas pessoas para meu texto. Atraí alguns imprudentes leitores e eles, coitados, passaram a gostar das minhas doídices autofágicas, das minhas apostasias teológicas e dos meus delírios existenciais. Pior, condenei-me a continuar escrevendo para alimentar esses famintos pintassilgos que, de bico aberto, esperam o insípido pão que regurgito em forma de palavra.

Arrependo-me de querer transformar minha carne em verbo. Só depois que me aventurei por esse território onde vivem os deuses é que entendo porque os substantivos almejam virar verbos. Amor, substantivo abstrato, sonha um dia tornar-se concreto. Os pensamentos querem existir em forma de ação e as palavras, vertebrar-se em atos. Se, antigamente, escondi-me nos discursos etéreos, a escrita passou a exigir que eu me fizesse carne.

Arrependo-me de ter ousado escrever porque agora sei um pouco mais – “a quem muito foi dado, muito será cobrado”. Lamento ter alcançado níveis mais largos de consciência.

Bem que devia ter continuado falando, falando...

PARTE UM

DEUS É SOBERANO

DISSIPEMOS AS INQUIETAÇÕES. A Bíblia revela de forma inequívoca que Deus é o Criador do Universo e que tem todo o domínio sobre tudo o que existe. “Ao Senhor, o seu Deus, pertencem os céus e até os mais altos céus, a terra e tudo o que nela existe” (Dt 10.14). “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra, e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas” (Ap 4.11).

Não há dúvidas de que as Escrituras revelam que Ele possui atributos que o diferenciam fundamentalmente da sua criação. Ele é *onipresente*: “Para onde poderia escapar do teu Espírito?” (Sl 139.7). “Os olhos do Senhor estão em toda parte, observando atentamente os maus e bons” (Pv 15.3). Ele é *onisciente* porque não há nada que esteja fora do olhar divino: “Revela coisas profundas e ocultas e o que jaz nas trevas, e a luz habita com ele” (Dn 2.22). Deus é *onipotente*: “Eu sou o Senhor, o Deus de toda humanidade. Há alguma coisa difícil demais para mim?” (Jr 32.27). Aliás, em diversas ocasiões, Deus é chamado de *Todo-Poderoso*: “‘Eu sou o Alfa e o Ômega’, diz o Senhor Deus, ‘o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-Poderoso’” (Ap 1.8).

As Escrituras também mostram que em determinados momentos Deus exerce poder unilateral sobre a história, milagrosamente intervindo para mudar o curso das nações e, inclusive, predestinando alguns eventos muito antes que eles acontecessem: “Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá. Digo: Meu propósito permanecerá em pé e farei tudo o que me agrada” (Is 46.10).

Devido à sua onipotência, Deus não será frustrado em seu propósito de ter para si uma Noiva (a Igreja). Ele garante que, no futuro, o universo estará livre da maldade e que sua glória encherá a terra. Quem negar essas verdades, nega a fé.

Além dessas revelações clara e repetidamente enfatizadas por toda a Bíblia, estabelecemos, obedecendo a lógica, que Deus não pode desfazer-se de nenhum de seus atributos divinos. Deus não teve “escolha” no que é. Ele sempre teve a si mesmo e sempre foi o que é (Eu sou o que sou), porque nunca houve um tempo quando começou. Deus não pode deixar de ser onipotente, nem de ser onisciente, onipresente ou de ser infinito (2 Tm 2.13).

A Bíblia também revela de forma inequívoca que Deus é amor (1 Jo 4.8). Portanto, a forma como ele se relaciona com sua criação foi uma decisão soberana dele (Sl 103.13). Ele não desejou relacionar-se conosco de outro modo senão através do amor; objetivou um relacionamento em que os humanos fossem considerados com uma dignidade ímpar. “Pergunto: o que é o homem para que com ele te importes? E o filho do homem para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o

coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste.” (Sl 8.4-6) Recebemos de Deus, inclusive, um mandato para construirmos nossa própria história.

Dotados com a capacidade de pensar, sentir e decidir, os seres humanos foram criados para desfrutarem a intimidade do Deus Trino. (O Catecismo de Westminster diz que fomos criados para *gozá-lo* para sempre.) “Receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos ‘Aba, Pai’. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Rm 8.15-16.)

Assim, quando Deus criou seres humanos dotados com a capacidade da razão, emoção, intuição, decisão e liberdade, ele optou por não agir como um déspota. O Deus bíblico não é parecido com deuses gregos e neoplatônicos do período Constantino e não lida com a humanidade como os reis medievais. Ed René Kivitz tratou dos parâmetros para que o amor se concretize em seu excelente *Vivendo com Propósitos*:

Nenhum relacionamento sobrevive sem a auto-imposição de limites, pois enquanto o eu for mais importante do que o relacionamento de amor, o relacionamento será utilizado para a satisfação do eu, portanto não será um relacionamento de amor. Comte-Sponville acredita que o amor divino (se é que Deus existe, diz ele) é um ato de diminuição, uma fraqueza, uma renúncia. Absorve o pensamento de Simone Weil, que diz: “a criação é da parte de Deus um ato não de expansão de si, mas de retirada, de renúncia. Deus e todas as criaturas é menos do que Deus sozinho. Deus aceitou essa diminuição. Esvaziou-se de si uma parte do ser. Esvaziou-se já nesse ato de sua divindade. É por isso que João diz que o Cordeiro foi degolado já na constituição

do mundo. Deus permitiu que existissem coisas diferentes dele e valendo infinitamente menos que ele. Pelo ato criador negou a si mesmo, como Cristo nos prescreveu nos negarmos a nós mesmos. Deus negou-se em nosso favor para nos dar a possibilidade de nos negar por ele. As religiões que conceberam essa renúncia, essa distância voluntária, esse apagamento voluntário de Deus, sua ausência aparente e sua presença secreta aqui em baixo, essas religiões são a verdadeira religião, a tradução em diferentes línguas da grande Revelação. As religiões que representam a divindade como comandando em toda parte onde tenha o poder de fazê-lo são falsas. Mesmo que monoteístas, são idólatras”. Em outras palavras, um Deus que não se esvazia é um Diabo. Deus não age como tirano e não força seu poder para cima de suas criaturas sob pena de esmagá-las, tirando-lhes todo o espaço de liberdade de que precisam para existir. Deus não invade. Não usurpa. Não manipula.¹

Depois de acompanhar o pensamento de Kivitz, continuo citando Comte-Sponville:

Assim como Deus, que se “esvaziou de sua divindade”, como escreve Simone Weil, e é o que torna o mundo possível e a fé suportável. “O verdadeiro Deus é o Deus concebido como não comandando em toda parte onde tenha o poder de fazê-lo. É o amor verdadeiro, ou antes, (pois os outros também são verdadeiros), o que há de divino, às vezes, no amor. O amor consente tudo e só comanda os que consentem em ser comandados. O amor é abdicação. Deus é abdicação. O amor é fraco: Deus é fraco, embora onipotente, pois é amor...” Cumprido dizer que Deus é fraco e pequeno, e sem cessar moribundo entre dois ladrões pela vontade da mais insignificante polícia. Sempre perseguido, esbofeteado, humilhado; sempre vencido; sempre renascendo no terceiro dia. Daí o que Alain chamava de jansenismo, o qual, ele explicava, “se refugia num Deus

oculto, de puro amor, ou de pura generosidade, como dizia Descartes; num Deus que só tem a dar espírito, num Deus absolutamente fraco e absolutamente proscrito, e que não serve, mas que, ao contrário, deve ser servido, e cujo reinado não chegou...” O amor é contrário da força, assim é o espírito de Cristo, assim é o espírito do Calvário: “se ainda me falam de Deus onipotente”, insiste Alain, “respondo que é um Deus pagão, um Deus superado. O novo Deus é fraco crucificado, humilhado... Não digam que o espírito triunfará, que terá potência e vitória, guardas e prisões, enfim a coroa de ouro. Não... É a coroa de espinhos que ele terá.” Essa fraqueza de Deus, ou essa divindade da fraqueza é uma idéia que Spinoza nunca teria tido, ao que tudo indica, que Aristóteles nunca teria tido, e que, no entanto, fala à nossa fragilidade, ao nosso cansaço, e mesmo a essa força em nós parece-me tão leve, tão rara, o pouco de amor verdadeiramente desinteressado de que às vezes somos capazes, ou de que acreditamos ser, ou de que sentimos, pelo menos, a nostalgia ou a exigência.²

Chego a alguns corolários a partir desses pensamentos:

1. Quando falo de um Deus que soberanamente escolhe o jeito como se relacionará conosco, não estou procurando redefinir o Deus da Bíblia e sim os conceitos a seu respeito e da teologia que se contaminou com a filosofia grega – principalmente com o neoplatonismo, depois da constantinização e de Agostinho. Na verdade, quero afirmar que a revelação bíblica sobre o Deus Pai de Jesus não combina com as deduções teológicas neoplatônicas.

2. O conceito bíblico da perfeição de Jeová e de Jesus não se assemelha com a perfeição dos deuses gregos. O Deus bíblico não é impassivo ou desprovido de emoções: *Ele lamenta*: “Ali, nas nações para onde vocês tiverem sido levados cativos, aqueles que escaparem, se lembrarão de

mim; lembrarão como fui entristecido por seus corações adúlteros, que se desviaram de mim” (Ez 6.9); *Ele se alegra*: “O Senhor, o seu Deus, está em seu meio, poderoso para salvar. Ele se regozijará em você; com seu amor a renovar, ele se regozijará em você com brados de alegria” (Sf 3.17); *Ele sente ciúmes*: “Eles o irritaram com altares ídólatras; com seus ídolos lhe provocaram ciúmes” (Sl 78.58); *Ele escolhe*: “À medida que se aproximaram dele, a pedra viva – rejeitada pelos homens, mas escolhida por Deus e preciosa para ele” (1 Pe 2.4); *Ele é misericordioso*: “Quem é comparável a ti, ó Deus, que perdoas o pecado e esqueces a transgressão do remanescente da sua herança? Tu, que não permaneces irado para sempre, mas tens prazer em mostrar amor” (Mq 7.18).

3. Os gregos não concebiam a possibilidade de Deus mudar. Segundo eles, Deus não pode mudar por ser perfeito. Ora, a misericórdia só é possível de ser exercida se houver mudança no coração de quem a exerce. Aliás, misericórdia não exige mudança de quem é alvo dela e sim de quem a pratica. Há inúmeros exemplos bíblicos de que Deus mudou o que faria e tomou medidas até emergenciais, devido as ações humanas.

4. Devemos tomar o máximo cuidado para não tentarmos sustentar a visão neoplatônica de Deus, nos valendo do argumento antropomórfico quando lidamos com o seu caráter. Se afirmarmos que aquilo que a Bíblia fala sobre o caráter divino for um antropomorfismo, jogamos dúvida, inclusive, sobre o seu amor. Ficaríamos nos questionando: “Será que ele ama mesmo ou será que a revelação do amor é um mero antropomorfismo?”.

Deus soberanamente escolheu relacionar-se conosco, nos tratando com uma honra exclusiva. Para viabilizar esse relacionamento, ele nos dá espaço e respeita nossos arbítrios. Concordo com Henri Nouwen, quando ele afirma que a encarnação sinaliza o desejo de Jeová de concretizar plenamente o propósito relacional:

Jesus é Deus conosco, Emanuel. O grande mistério de Deus ao se tornar humano é seu desejo de ser amado por nós. Ao se tornar uma criança vulnerável, completamente dependente de cuidado humano, Ele quer eliminar toda a distância entre o humano e o divino. Quem pode ter medo de uma pequena criança que precisa ser alimentada, cuidada, ensinada e guiada? Normalmente falamos de Deus como o Deus onipotente, Todo-Poderoso, de quem dependemos totalmente. Mas Ele quis se tornar o Deus não-onipotente, todo-vulnerável, que depende completamente de nós. Como podemos ter medo de um Deus que deseja ser “Deus conosco” e que nos tornemos “Nós-com-Deus”?³

C. S. Lewis escreveu em *Cristianismo Puro e Simples*:

Os cristãos acreditam, então, que um poder do mal tornou-se por ora o Príncipe deste mundo. Isto suscita problemas, naturalmente. Será que este estado de coisas está de acordo com a vontade de Deus, ou não? Se está, podemos dizer que Ele é um Deus muito estranho; se não, como pode acontecer algo contra a vontade de um ser que tem poder absoluto?

Contudo, todo aquele já exerceu autoridade sabe que uma coisa pode estar de acordo com a sua vontade num certo sentido, e não estar em outro. Achamos que é muito sensato que uma mãe diga a seus filhos: “Não vou ficar vigiando e obrigando que arrumem o quarto todas as noites.

Vocês devem aprender por si mesmos a deixá-lo arrumado”. Uma noite ela vai lá e vê o ursinho, as tintas e o livro de francês no chão. Isso é contra a sua vontade. Ela preferia que as crianças fossem ordeiras. Mas, por outro lado, foi por sua vontade que as crianças ficaram com liberdade para serem desordeiras.

O mesmo acontece em qualquer regimento, sindicato ou escola. Basta que uma coisa se torne voluntária para que a metade das pessoas não a faça. Assim, acontece de forma contrária à vontade de alguém; mas essa mesma vontade foi que permitiu que isso acontecesse. É provável que o mesmo tenha ocorrido no universo. Deus criou seres com o livre-arbítrio. Isso quer dizer que as criaturas podem agir bem ou mal. Alguns julgam que podem imaginar uma criatura que fosse livre, mas que não tivesse possibilidade de agir mal; eu não posso. Se uma coisa é livre para ser boa, também é livre para ser má. E o livre arbítrio foi o que tornou possível o mal.

Por que Deus deu então o livre-arbítrio? *Porque o livre-arbítrio, apesar de tornar o mal possível, é também a única coisa que faz com que todo amor, bondade e alegria valham a pena.* Um mundo de autômatos, de criaturas que trabalhassem como máquinas, não valeria a pena ser criado. A felicidade que Deus destinou a suas criaturas superiores é a felicidade de serem livres e voluntariamente unidas com ele e entre si mesmas, num êxtase de amor e prazer em relação ao qual o amor mais arrebatador neste mundo, entre um homem e uma mulher, não passa de uma coisa insípida. Mas para que isso aconteça as criaturas têm de se livres.⁴

Quero levar esses pensamentos de C. S. Lewis às últimas consequências:

1. Deus essencialmente nos criou para relacionamento. Ele, trindade perfeita, é eternamente relacional. Um dos

principais atributos do amor é liberdade. Os relacionamentos só podem acontecer com liberdade real. Sem liberdade, qualquer relacionamento ou é coercitivo e, portanto, desprovido de qualquer valor, ou não existe.

2. Quando Deus nos criou, ele não podia gerar seres mais perfeitos do que ele, pois assim criaria deuses superiores a Ele. Não poderia formar um ser igual a si, pois assim criaria um par – Deus, por definição, é incriado. Ele nos formou seres menos perfeitos – somos finitos, mortais, limitados. Entretanto, possuímos capacidade de escolhas e com a real possibilidade de praticarmos o mal – por esse motivo o Cordeiro intencionalmente foi crucificado antes da fundação do mundo: a salvação precede à criação. Conhecendo o risco, Deus providenciou a cura.

3. Se Deus se dispunha a criar seres livres, com a real possibilidade de praticarem o mal, ele estava autolimitando sua soberania. Por quê? Simplesmente porque agora conviveria com parceiros capazes de fazer novas escolhas. Mas essa decisão em nada diminui sua soberania, porque foi uma decisão soberana sua.

4. Se nossas escolhas são reais e não um jogo manipulativo em que cumprimos um roteiro previamente escrito, podemos sim, optar por caminhos que frustrem ou sejam contrários à vontade divina. A Bíblia está repleta de exemplos em que as opções humanas contrariaram as expectativas, projetos ou desejos divinos. Por que quarenta anos perambulando no deserto? Por que escolher o fracassado Saul? O homicídio de Davi constava no roteiro? Por que os lamentos proféticos? O traficante que vende morte cumpre a vontade de Deus? A miséria que dizima

milhões todos os anos, com certeza não cumpre nenhum propósito divino, mas é um sinal da queda e da rebelião humana. Os pedófilos e os estupradores não estão a serviço de Deus, mas contrariando a vontade dele.

5. Um projeto relacional implica em respeitar as decisões, inclusive as rebeldes. Não se impor por força, coerção, ou manipulação não sinaliza fraqueza, mas grandeza. Por esse motivo o Senhor exaltou a Cristo; ele sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Quem tem todo o poder e não se vale dele para ganhar o amor do próximo, não é um fraco e sim uma pessoa magnífica. Quando afirmamos que Deus abriu mão de controlar, não estamos subtraindo a grandeza de Deus e sim enaltecendo-a. Lavar os pés dos discípulos (inclusive de Judas) não é menos digno do que querer forçar uma nação a se ajoelhar aos seus pés, como tentou Nabucodonosor com sua imensa estátua.

6. A verdade mais linda do evangelho não é só que Jesus se parece com Deus, mas que Deus é exatamente igual a Jesus – nele habitou toda a plenitude divina. Então, quando contemplamos a fragilidade relacional de Jesus, isso não significa um antropomorfismo, mas um “teomorfismo”. Jesus disse a Felipe: “Quem vê a mim, vê o Pai”. Jesus foi totalmente humano e totalmente Deus – *vero Homo e vero Deus*. Entendo que há dimensões da humanidade de Jesus que não podemos projetar no Pai. Quais? Sua limitação física, seu cansaço, sua fome de alimento, sua sede. Contudo, se observamos a humanidade de Jesus chorando sobre Jerusalém e dissermos que Deus é exatamente assim, não diminuimos em nada o Pai, mas o engrandecemos.

Quando o contemplamos abraçando as criancinhas, nele se encarna o amor do Pai. A fragilidade relacional de Jesus, de não querer seguidores por coerção ou suborno, estou convencido, é exatamente igual à de Jeová – expressa também na Parábola do Filho Pródigo, quando o pai coloca a cadeira na varanda e aguarda que o filho caia em si; no Cântico do Amado de Isaías 5 e em tantas outras passagens bíblicas que revelam o coração paterno de Deus.